



**FALANGE MIÚDA**  
REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

## **As pessoas surdas (e não surdas) também ensinam os sentidos de uma poética da relação do dever ser/estando**

**Shelton Lima de Souza<sup>1</sup>**

*Universidade Federal do Acre - UFAC*

**Ana Regina e Souza Campello<sup>2</sup>**

*Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES*

**Bruno Gonçalves Carneiro<sup>3</sup>**

*Universidade Federal do Tocantins - UFT*

Dizem os preceitos cristãos que “Deus falou” e o “mundo se fez”; assim como Virgínia, em um ato de resistência, falou para Adelaide<sup>4</sup> “um judeu pode dizer que não é judeu, mas um negro não pode dizer que não é negro”. A partir da verbalidade produzida por Deus (uma imposição) e por “Virgínia” (uma reflexão), que se confunde com formas de oralidades (ou com a variedade escrita da “Lei de Deus” produzida ao longo do tempo), criaram-se os mundos, as pessoas, as naturezas, as coisas... é a mitologia judaico-cristã e a não subjugação de Virgínia que se reverberam em vários mundos, inclusive nas existências dos seres alvo de colonização de territórios e, sobretudo de corpos, como as pessoas que podem ser representadas por Virgínia, as pessoas indígenas (Krenak, 2022) ou as pessoas surdas. Sobre essas últimas, nós brincamos com nossos alunos em sala de aula – nos cursos de Letras-Libras e nas diferentes especializações voltadas para... ou que dialogam com os

---

<sup>1</sup>Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Associado 2 nos cursos de Letras-Libras e no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade/PPGLI e no Programa de Pós-graduação Profissional em Letras/PROFLETRAS na Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4735-853>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0189097197608498>. E-mail: [shelton.souza@ufac.br](mailto:shelton.souza@ufac.br).

<sup>2</sup>Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Associada no Departamento de Educação Superior do INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/000-0003-1464-9524>, Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6945261731062194>. E-mail: [anacampelloines@gmail.com](mailto:anacampelloines@gmail.com).

<sup>3</sup>Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor no curso de Letras-Libras e no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Porto Nacional, Tocantins, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7417-2548>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2261247004986074>. E-mail: [brunocarneiro@uft.edu.br](mailto:brunocarneiro@uft.edu.br).

<sup>4</sup> Personagem do filme brasileiro “Virgínia e Adelaide: uma história de amizade e resistência feminina” que faz uma inserção filmica na histórica amizade entre a socióloga e que se tornou a primeira psicanalista brasileira negra, Virgínia Leone Bicudo (filha de um senhor descendente de pessoas escravizadas e de uma imigrante italiana), e a psicanalista alemã, radicada no Brasil devido à perseguição nazistas aos judeus alemães, Adelaide Koch. Durante o filme, Virgínia é incentivada a fazer análise com Adelaide, momento em que apresenta a citação em destaque.

Estudos Surdos<sup>5</sup> (Perlin, 2003) localizadas em duas universidades na região norte: UFAC e UFT e em uma na região sudeste: INES – “se Deus fosse surdo, Ele não teria “falado”, teria sinalizado”. Mas é possível pensar no Deus cristão surdo ou no (em um) Deus surdo cristão? Se não é possível pensar, para muitos, em um deus “imperfeito”, pois a surdez seria considerada uma “anormalidade”, por que a ideia de um “Deus ouvinte” nunca foi cogitada? Talvez, essa questão pouco passou pela cabeça das pessoas, assim como não deve ter passado (ou pouco passado) pelas mentes colonizadas a perspectiva de uma sujeição atávica preconizada pelos indígenas Krenak: “os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” (Krenak, 2022, p. 11).

Por meio desse preâmbulo (que pode ser considerado jocoso), iniciamos a ideia da qual gostaríamos de defender neste texto ensaístico: as pluralidades das existências surdas (e com elas as linguagens) se constroem e são construídas pelos “devires ser/estando” em ambientes sociais que permitem relações com base em uma perspectiva atávica, em mundos colonizados – como os diferentes brasis –, cujas pluralidades são compreendidas como uma injúria social. As colonizações que promoveram diferentes diásporas, portanto misturas, preconizam a pureza dos corpos e, por extensão, das linguagens.

As purezas como um fim a ser alcançado, embora as diásporas, resultantes das colonizações, na prática, não conseguem prever resultados e preconizam a morte do outro, o que seria o fim de si:

A morte do mundo equivale à morte de mim mesmo, nenhum adepto da seita da desgraça me fará negar essa equação, a única verdade que ousa pleitear a minha anuência, muito embora eu intua às vezes, contraditoriamente, tudo aquilo que a palavra ELE pode reservar para mim em matéria de castigos vagos e ameaças monstruosas. (Leiris *apud* Glissant, 2024, p. 111).

Diferentemente de uma prerrogativa discursiva que estabelece as pluralidades como um “mal a ser sanado”, propomos que as misturas são propulsoras de pluralidades que marcam posições estabelecidas por relações interculturais, ou como queremos dizer neste texto, por sentidos interculturais (Lopes; Silva; Souza, 2025). Esses sentidos seriam os fios condutores da própria existência. Conseguiríamos existir sem nos diferenciar dos outros, sem nos estranhar diante do que é estabelecido por nós como diferente? Do ponto de vista identitário, alguns de nós como sujeitos de misturas, se colocam como surdos e, por meio dessa postura sociopolítica, identificam os não surdos como ouvintes.

---

<sup>5</sup> A possibilidade de se pensar, como uma linha dos Estudos Culturais (Ortiz, 2004), as existências surdas por meio de suas singularidades.

Essa relação nos permite afirmar que os ouvintes, ou pelo menos essa palavra que os identifica na relação com pessoas surdas, só passam a existir socialmente quando os surdos desenvolvem algum tipo de visibilidade social. A existência dos “sujeitos ouvintes” ser um processo encabeçado pelos “sujeitos surdos”, veio à mente, nos parece, a partir do estudo de Foucault (1999), quando esse autor nos mostra, nas diferentes categorias relacionadas aos gêneros e às sexualidades, que a “heterossexualidade” é um produto da “homossexualidade”, quando essa passa a ser vista como uma categoria patológica, portanto passível de parecer clínico-médico e, por extensão, jurídico-criminalístico, o que equivale a dizer que as homossexualidades e as heterossexualidades são produtos de performances linguísticas (Butler, 2006); fazem parte da “ordem do discurso” (Foucault, 1996).

A proposição de Foucault de estabelecer as categorias sociais como produtos do discurso nos ajuda a pensar que a relação surdos x ouvintes, entremeada pelo caráter clínico-patológico da surdez, também foi a propulsora da criação dos ouvintes e, por extensão, do “ouvintismo” (Perlin, 2001, Skliar, 2005, Vargas e Souza, 2021). Desse modo, assim como a homossexualidade precisava ser combatida, tendo em vista que “tê-la” significava estar doente e, por isso, poderia ser “contagiosa”, logo “tratável”, a surdez passa também a ser combatida, evitada, podada ou, como bem representa o termo foucaultiano, vigiada (Foucault, 1987). Nesses contextos históricos, que se reverberam na contemporaneidade (no antropoceno?) (Latour, 2020), ironicamente, precisaríamos estar vigilantes diante da surdez para que as gerações não sofressem o mal de “não falar” e, portanto, “não serem consideradas não-pessoas”. Desse modo, os estudos de base histórico-social, sobretudo realizados por pessoas surdas, mostram a ação de médicos e de educadores para fazer com que “surdos-mudos” falassem e passassem a falar as línguas de base oroauditivas (Strobel, 2009, Carvalho; Campello, 2022).

Não são poucas as descrições de pessoas surdas que passaram por todo tipo de “tratamento” ou de “ação pedagógica” para adquirirem a tão sonhada fala – a oralidade própria de Deus, portanto o fim do túnel da benevolência divina tida pelos homens “ouvintes”. Mãos eram amarradas para que delas não se performassem sinalizações; castigos de diferentes ordens eram perpetrados para aqueles que quisessem existir por meio de suas mãos e por todo o resto do corpo que produz movimentos, cheiros, traços olfativos que nos permite delinear a estética do cheiro, as nuances táteis que nos relacionam ao

sentir mesmo sem tocar; são as facetas do existir. Às pessoas surdas quiseram dar-lhes a “normalidade” do ouvir, como se ouvíssemos somente com os “ouvidos”.

Contudo, diante de qualquer tipo de opressão (estabelecimento de poder), há resistência: não há dissociação entre poder e resistência (Foucault, 1999), as comunidades surdas pelo mundo, sobretudo no Brasil, vêm resistindo às formas de opressão estabelecendo negociações (Bhabha, 1998) e ações que culminaram em diferentes movimentos pela emancipação linguístico-cultural de pessoas surdas, o que culminou em espaços de sociabilidades surdas que, de longe, não excluíram os ouvintes desses espaços. Diferentemente de práticas ouvintistas que quiseram isolar as pessoas surdas em guetos, as comunidades surdas são plurais, rizomáticas, crioulas, permitindo as relações entre os diferentes.

As pessoas surdas nos mostram que, também, ouvimos pelas mãos, além de sentir e de cheirar. Todos os poros dos nossos corpos estão entrelaçados, embora isso não seja lembrado ao se considerar, somente, os sentidos culturais produzidos pela audição biológica. Os surdos apresentam uma audição poética, porque performatizam com o corpo; nós ouvintes<sup>6</sup> pensamos (aprendemos) que performatizamos somente com as vozes construídas pelos sons dos nossos aparelhos fonadores. São os surdos que nos ensinam todo dia que nós ouvintes não apenas falamos e ouvimos, nós, assim como eles, também cheiramos, sentimos, nos movimentamos e, dessa forma, produzimos linguagens.

A poética a qual nos referimos não é a produção poética da literatura. Da área específica acadêmica que alguns se intitulam pertencer por ter um grau acadêmico que os permitem estar ali. Estamos nos referindo à “poética da relação” (Glissant, 2021 e 2024), àquilo que nos possibilita existir. Na relação com os outros, nos construímos, não é possível existir sem os diferentes: “O que é poética? Precisamente esse duplo alcance, de uma teoria que se dedica a concluir, de uma presença que não conclui (nem presume) nada. E nunca uma sem a outra. É assim que o instante e a duração nos confortam. Toda poética é um paliativo de eternidade.” (Glissant, 2021, p. 211).

A totalidade inexistente, pois as partes que o constituem são diferentes em si, não em uma perspectiva dicotômica, mas em uma relação de existência; nesse “caos-mundo” (Glissant, 2024) somente as existências, “ser/estar” ouvinte são possíveis a partir das existências de pessoas surdas que se compreendem como tal e, por isso, se veem como

---

<sup>6</sup> Este texto é fruto de reflexões de dois pesquisadores ouvintes e uma pesquisadora surda, de modo que o pronome de primeira pessoa “nós” se refere aos pesquisadores ouvintes.

diferentes dos ouvintes; as tentativas de preenchimentos de lacunas identitárias ocorrem no processo de relação entre as partes do “mundo” que, de maneira alguma, é previsível o resultado das interações sociais.

Uma possível conexão dicotômica se esvai no sentido de que não é a presença/ausência “do ouvir/não ouvir” que se estabelece, mas as singularidades de sujeitos surdos e de sujeitos ouvintes que se constituem entre si. Não se trata de uma relação dicotômica, mas de interdependência. Vivências de várias mãos, multifacetadas, propícias ao estabelecimento de construções possíveis que convergem em rizomas (Deleuze e Guatarri, 2011), cujos fins não são identificáveis: os sujeitos surdos e os sujeitos ouvintes, nas diferentes comunidades surdas, são o que querem ser, pois o “eu sou, tu és, ele é” é uma questão meramente política (identitária também), embora não pretendemos, assim como Bhabha (1998), apagar “nenhum ser” de ninguém (Bhabha, 1998).

No discurso político-identitário o “eu sou” é homogêneo para marcar terreno, mesmo que nas existências em que se entremeiam o “eu sou” somente se se constitui em relação ao “tu és, ele é”. A questão da relação é algo que se pode ver a partir do ponto de vista teórico e não de uma positividade tóxica: as relações interculturais são necessárias para ressaltar as diferenças e, nessa contradição, acentuar as singularidades. Nisso, as singularidades são vistas pelas relações de poder que elegem quem pode e quem não pode nas representações vigiadas.

Os surdos, mesmo antes de saberem que são surdos<sup>7</sup>, vivem no terreno da mistura, da criouliização (Glissant, 2024). São obrigados a escutar, sem ter condições biológicas para isso, são obrigados a falar, mesmos sem (alguns) conseguirem, até que começam a perceber, ocorrendo de novo a “relação”, que não estão sozinhos no “caos-mundo”, embora já saibam que não estão mesmo por meio de suas relações com ouvintes. A identificação com outros surdos que, também, forjam as suas singularidades; de modo que essas singularidades retratam diferenças que fazem com que os próprios surdos entendam quem são. A poética está no processo de criação da criouliização que se materializa – formando as diferentes nuances dos discursos – quando surdos percebem que precisam dos ouvintes para se entenderem como surdos e, no antemão da questão que nos faz remeter à perspectiva de deafhood “surdidade” (Ladd, 2003) e do Deaf Gain “ganho surdo”

---

<sup>7</sup> O pesquisador surdo Lucas Vargas Machado da Costa explica em sua dissertação “Estudantes surdas/surdos na Pós-graduação: Linguagens, Identidades e Formas de resistências” (Costa, 2024) que foi na escola o momento em que ele “se descobriu surdo”.

(Bauman e Murray, 2014), como um caminho também possível para a existência, na pista de mão dupla: só existe ouvinte, porque existe surdo. A abordagem de Ladd, em uma busca por significados às existências surdas (produções surdas em linguagens atávicas), nos devires surdos, se complementa à perspectiva de Bauman e Murray ao se entender que, nas diferentes produções de sentidos interculturais (nós autores que estamos fazendo relação entre o “Ganho surdo” e as interculturalidades), é possível “ganhar” (a nosso ver, viver) sendo/estando surdo. Complementamos que é na relação glissantiana que não nos permite ser/estar sem o estar/sendo do outro:

Finalmente - terceira condição -, a consciência da Relação se generalizou, incluindo o coletivo e o individual. Nós "sabemos" que o Outro está em nós, que não apenas ressoa em nosso devir, mas também na maior parte de nossas concepções e no movimento de nossa sensibilidade. O “Eu é um outro” de Rimbaud é historicamente literal. Um tipo de “consciência da consciência” nos abre, apesar de nós, e faz de cada um o ator conturbado da poética da relação. (Glissant, 2021, p. 51).

Desse modo, em uma abertura poética para o devir, em uma ação de ressoar o eu/outro, convidamos leitoras e leitores a ampliar suas percepções rizomáticas e produzir relações poéticas sobre o tema deste dossiê: “Comunidades surdas e línguas de sinais: culturas, educação e processos de sociabilidades” que de maneira propositiva, errante e lacunar recebeu trabalhos de pesquisadoras e de pesquisadores surdas/surdos e ouvintes que delinearão resultados de pesquisas que nos possibilitam sentir, tatear, cheirar, ver, ouvir, relacionar-se, de maneira afetiva<sup>8</sup>, com diferentes poéticas do produzir acadêmico que mostram como as temáticas que envolvem os Estudos Surdos, como ampliação dos Estudos Culturais, se estabeleceram como alternativas acadêmicas (não acadêmicas também) para se refletir e, portanto, agir diante de formas de opressão sobre as existências surdas e sobre as pluralidades que as constituem. Parece-nos que a questão é mais a “poética da relação” entre muitos corpos, do que a existência una que poderá, pelo menos a nível do discurso, subjugar.

---

<sup>8</sup> Para Queirós e Souza (2025), a afetividade em pesquisas acadêmicas, em relação a seus aspectos metodológicos, pode ocorrer por meio de relações afetivas entre pesquisadores e as demais pessoas envolvidas, o que leva a produção de ações. Desse modo, o afeto não pode ser confundido, simplesmente, com produção de emoções, tendo em vista que o primeiro promove o agir, a busca, a não aceitação do que está estabelecido.

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Avila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BAUMAN, H. L., MURRAY, J. **Deaf Gain: Raising the Stakes for Human Diversity**. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 2014.
- BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Routledge: New York and London, 2006.
- CARVALHO, V. F., CAMPELLO, A. R. A existência de quatorze (14) identidades surdas. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas – TO, v.9, n.14, 2022.
- COSTA, L. V. M. **Estudantes surdas/surdos na Pós-graduação: Língua(gens), Identidades e formas de resistências**. 2024. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco-AC, 2024.
- DELEUZE, G., GUATARRI, F. **Mil platôs**. Vol. 1. 2 ed. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- GLISSANT, E. **Poética da relação**. Trad. de Eduardo Jorge Oliveira e Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- GLISSANT, E. **Tratado do Todo-Mundo**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 Edições, 2024.
- KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LADD, P. **Understanding Deaf Culture In Search of Deafhood**. Bristol: Multilingual Matters, 2003.

LATOURE, B. **Onde aterrizar?:** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Vol. 1. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LOPES, E.; HILÁRIO, L. da S.; SOUZA, S. L. de. Saberes indígenas em contexto amazônico: um olhar sobre a inter-relação entre práticas linguísticas, conhecimentos sobre as plantas medicinais e diálogos com saberes espirituais Kokama. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 50, n. 3, p. 967–983, 2025. DOI: 10.5216/ia.v50i3.82252. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/82252>. Acesso em: 17 fev. 2026.

ORTIZ, R. Estudos Culturais. **Tempo social**, v. 16, n. 1, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/C7ycvjMMTCRVFY99PTFrj3h/?lang=pt#>. Consultado em 01/02/2026.

PERLIN, G. T. **Identidades surdas**. In: Skliar, C. (Org.) A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2001.

PERLIN, G. T. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

QUEIRÓS, F. A. T., SOUZA, S. L. de. **Por uma proposta de reflexão de saberes teórico-metodológicos: subjetividade e afeto na pesquisa acadêmica**. In. QUEIRÓS, F. A. T., SOUZA, S. L. (Org.). Metodologias em pesquisas acadêmico-científicas: subjetividades, afetações e práticas. Rio Branco: Nepan/Edufac, 2025. Disponível em: <http://www2.ufac.br/editora/menu/livros-digitais>. Consultado em 21/02/2026.

SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2005.

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras - Libras na modalidade à distância. Florianópolis, 2009.

VARGAS, V. G. L.; SOUZA, S. L. de. O (des)pertencimento dos sujeitos surdos no ambiente escolar “ouvinte”: Identidades, discursos de minorização e resistências. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 8, n. 2, p. 889–

903, 2021. Disponível em:  
<https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/4018>. Acesso em: 18 fev.  
2026.



## Apêndice – Informações sobre o artigo

### Histórico editorial

**Submetido:** XX de mês de 2026.

**Aprovado:** XX de mês de 2026.

**Publicado:** XX de mês de 2026.

### Conflito de interesse

Nada a declarar.

### Declaração de disponibilidade de dados

Todos os dados foram apresentados/gerados no presente artigo.

### Contribuição dos autores

**Resumo/Abstract/Resumen:** Autores; **Introdução ou Considerações iniciais:** Autores; **Referencial teórico:** Autores; **Metodologia:** Autores; **Análise de dados:** Autores; **Discussão dos resultados:** Autores; **Conclusão ou Considerações finais:** Autores; **Referências:** Autores; **Revisão do manuscrito:** Autores; **Aprovação da versão final publicada:** Autores.

### Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Falange Miúda os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da Revista Falange Miúda têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

### Open Access

Este artigo é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la—ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.



### Licença de uso

Este artigo é licenciado sob a Licença *Creative Commons Creative Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY NC 4.0)*. Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o



devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

### **Processo de avaliação**

Revisão por pares duplo-cega (*Double blind peer review*).

### **Editor**

Marcus Garcia de Sene

### **Publisher**

Este artigo foi **publicado** na Revista Falange Miúda vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - campus Garanhuns da Universidade de Pernambuco - UPE. A Revista Falange Miúda publica artigos de natureza técnico-científica, provenientes de estudos e pesquisas que ofereçam subsídios para o desenvolvimento do conhecimento educacional, propiciando um diálogo entre os diferentes campos da educação no Portal de Periódicos da Universidade de Pernambuco. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião do corpo editorial ou da referida universidade. Na Avaliação CAPES (2017-2020), a Revista Falange Miúda obteve Qualis B1.

